

José-Augusto França
O essencial sobre
RAFAEL BORDALO PINHEIRO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

ACTO I

Nasceu Rafael Bordalo Pinheiro aos 21 de Março de 1846, num prédio da Rua da Fé, por detrás do Passeio Público, na encosta de Sant'Ana, sítio pequeno-burguês do romantismo bem nacional, e ali, em casa de seu avô advogado e de seu pai funcionário público, recebeu ele primeiras lições de desenho em artes que o pai praticava, como amador apreciado em exposições e encomendas, mesmo do rei D. Fernando e do duque de Palmela, e prolífero gravador de madeira-a-topo por todos os jornais ilustrados da época, a começar n' *O Panorama*. Viveu depois, com muitos irmãos que iam nascendo, até Columbano, onze anos depois dele, na Praça da Alegria de Baixo, até tomar rumos boémios diferentes dos irmãos, que tiveram carreiras ajuizadas de militares, médicos ou professores, manas bem casadas, a mais velha que ficou para tia a tomar conta do mais novo dos irmãos, que foi para pintor, com o génio maior que teve. Ele próprio, Rafael, começou por ir para actor, em teatros de amadores que ti-

nham posição na Lisboa desse tempo liberal — de entre o Chiado, S. Bento, S. Carlos e cem jornais de folhetins discutidos, e o Passeio, espécie de «repartição pública arborizada», até a *O Primo Basílio*, que um amigo da sua idade escreveu, em 1878. Rafael conhecera Eça de Queiroz quando das «Conferências do Casino», em 1871, pondo-as n' *A Berlinda*, que era já segunda publicação de desenhos de humor que lançara, jovem esposo por paixão e amanuense na Câmara dos Pares para melhor subsistência de «coisinha certa», mau estudante de Belas-Artes e de Letras também. E autor de dois desenhos que, no salão da Promotora de 1872, chamaram a atenção de Ramalho Ortigão, a ver nele o primeiro artista «realista» do País com veia crítica e social ao compor um *Enterro na Aldeia* detido à porta de uma venda do caminho para o padre poder, como toda a gente, dessedentar-se — quando Eça já descrevera padres bem bebidos, à volta de uma reunião profissional...

Não foi, porém, esse o caminho que Rafael Bordalo quis trilhar e, depois d' *O Calcanhar de Aquiles*, em que, em 1870, caricaturara, pondo-as em cenas representativas, algumas das figuras mais conhecidas da sociedade intelectual lisboeta — Castilho, Latino Coelho, Viale, Teixeira de Vasconcelos, Ramalho, Júlio César Machado e o próprio Herculano —, além de, pela primeira vez, o político Ávila, e depois, em folha solta, o Saldanha do golpe de

estado desse ano, com todos os ministros e ministeriáveis feitos melões de apalpar, e, a seguir, a série d’*A Berlinda*, com cena política do mesmo governo, Saldanha-general Boum do Offenbach, e outras, como uma «Carta burlesca» da Europa, e, mais tarde, a folha descritiva das «Conferências do Casino», com os conferencistas todos e o seu perseguidor Ávila. Entretanto, Bordalo lançara *O Binóculo*, consagrado a espectáculos e literatura, convidando o «espectador ou amador» a ver mais de perto as cenas boas e más da vida artística, e «quem não quiser ver, que durma»... O Tomás Price do circo da Praça da Alegria, o empresário Palha, os actores Santos-«Pitorra» e Emília Adelaide, a «Grã-Duquesa de Gerolstein», de continuado sucesso, óperas do S. Carlos com a famosa diva Borghi-Mamo e seu enorme nariz, várias peças, empresários e dramaturgos e actores, enchem os quatro números publicados. Dois anos mais tarde foi *A Picaresca Viagem do Imperador D. Pedro II dito do Rasilb pela Europa*, com cómicas invenções — tal como, logo depois, a folha *M. J. ou a História Tétrica duma Empresa Lírica*, que veio, mal, ao S. Carlos e era assim denunciada em história de quadradinhos que o desenhador adoptava em Portugal.

Em 1874, editou ele uma série de nove estampas com simpáticos *portraits charge* dos mais famosos actores da cena lisboeta: os três Rosas, Delfina, Taborda e Teodo-

rico, mais António Pedro, o Santos-«Pitorra» e a bela Rosa Damasceno. O êxito terá sido decrescente ou Bordalo passou a outras iniciativas, de um *Álbum de Caricaturas. Frases e Anexins da Língua Portuguesa* em dez estampas, que Júlio César Machado, folhetinista famoso, prefaciou, sublinhando-lhe a malícia. O popular «Machadinho» era seu amistoso cúmplice e, em 1875, Bordalo ilustrou-lhe capa e páginas das crónicas d’*Os Teatros de Lisboa*: «Isto dá-te uma caricatura? Dá-me quantas se queira. É uma mina!», contava Machado da sua popular colaboração. Almanques diversos tiveram então desenhos de Bordalo, que publicou o seu próprio *Almanaque de Caricaturas*, em 1874, 1875 e 1876, melhor do que os outros, em que se contam mais de trezentos desenhos seus — com cenas e tipos observados na vida lisboeta, caricaturas de actores também, e políticos, como Fontes Pereira de Melo, pela primeira de muitíssimas vezes visado num outro *Almanaque de Gargalhadas*, em 1876, já com o seu uso da «água circassiana» de pintar o cabelo, que lhe seria constante...

Entretanto, em 1 de Maio de 1875, e para um sucesso de 33 números em três meses (que de semanal o jornal chegou a ser quotidiano), Bordalo lançou *A Lanterna Mágica*, em sociedade com Gil Vaz, que encobria (e toda a gente sabia) os nomes de Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, poetas de boa fama e verve indiscutí-

vel que se atiravam ao ataque da sociedade nacional a precisar «de reforma — as consciências, a Carta e a roupa branca», com uma doutrina «clara e franca» dentro da «luva do dandismo» que lhe lançava à cara, brincando com o romantismo das leitoras, e as suas «mágoas e frieiras»... Muito teatro, por vocação do desenhador e interesse do público, alguma literatura, com retratos de Ramalho e outra vez de Herculano, «o solitário de Vale de Lobos» que em breve faleceria, *faits divers* do quotidiano lisboeta, muita política também, com Fontes, Rodrigues Sampaio, Andrade Corvo, ministros instalados na Regeneração em fim de poder, e também o famigerado bispo de Viseu, abrandando suas fúrias políticas, e, logo na capa do primeiro número, a «Fisionomia da política portuguesa» se mostrava numa grupo de gordas barrigas, como cabeças sem olhos e só orelhas, em primeiro plano uma, de bicórnio de ministro, atrás, outra, de coroa real, e uma muito magra e esfomeada, de chapéu amachucado ao lado, que era de pobre: o «Solar dos Barrigas», de piada corrente, vinda de uma peça de teatro aplaudida. Houve também um jesuíta levado por uma orelha, para o elogio d’*Os Lazaristas* de António Enes, dados no Ginásio.

E, sobretudo, para a história de Bordalo e da pátria, a criação, em 12 de Junho, da figura tutelar do Zé Povinho, que, como veremos, se multiplicaria pelas páginas do artista.

Mas apesar de tanto êxito e popularidade, com desenhos solicitados por todo o lado (já em *The Illustrated London News*, em 1873, ou desenhando o frontispício manuelino de *Artes e Letras* no ano anterior, na revista colaborando também), Rafael Bordalo resolveu aceitar convite do Rio de Janeiro para ali colaborar num famoso jornal humorístico, *O Mosquito*. O seu espírito boémio e irrequieto havia tempo já que lhe fazia pensar em tal emigração, numa aventura que afinal se concretizava num bom contrato — e numa cordial recepção brasileira e de portugueses do Rio. Bem instalado numa espécie de «república» meio boémia e meio mundana, em breve Bordalo foi pequeno rei na cidade, admirado e naturalmente invejado. Assentou, fez ir a mulher ao cabo de um ano, comprou o próprio jornal, logo se destacando pelo seu humor em crónicas do Rio, que vão do teatro, sempre, à vida de sociedade — e também à questão religiosa que tomou a peito, desancando a reacção católica, e tomando como pretexto a proibição d'*Os Lazaristas*, pondo então um barrete frígio na opinião pública indignada. Bordalo meteu-se assim na vida política do país que o acolhia, e com alguma imprudência. As figuras cimeiras do Império passam pela sua pena, ministros e padres, o próprio e simpático D. Pedro II e a filha, regente em sua ausência viajeira, não esquecendo também referências a Portugal — onde, em Março de 1877, «corri(am) boatos de que

morre(ra) o Senhor D. João VI, nada porém se sab(ia) ao certo»... E uma presença discreta do seu Zé Povinho, a par de uma outra figura inventada de imigrante, o Manuel Trinta Botões, que não teve sucesso.

Bordalo passaria *O Mosquito*, ao fim de um ano e nove meses de colaboração em perto de 100 números, em Maio de 1877. Mas, quatro meses depois, lançou um novo jornal, *Psit!!!*, «hebdomadário cómico ilustrado por Bordalo Pinheiro», com duas personagens activas, o Psit, a cabeça, a fantasia, e Arola, o estômago, o senso comum, um vivendo no bairro aristocrático do Botafogo, outro no Mangue popular — um tanto D. Quixote e Sancho Pança. Pouca política, mais teatro, uma grande homenagem a Herculano falecido, e uma polémica que será feroz com um outro desenhador caricaturista famoso, Ângelo Agostini, repassado de inveja. O jornal durou poucos meses e, depois de seis meses em branco, Bordalo publicou uma terceira «folha ilustrada, humorística e satírica», *O Besouro*, que foi de Abril de 1878 a Março do ano seguinte, em nove números, com apoio financeiro de um visconde imigrado.

Mais político que a publicação anterior, com a criação de uma personagem, o Fagundes, um tanto Conselheiro Acácio do Eça, cujo *Primo Basílio* tivera grande êxito polémico no Rio, e adaptação teatral que entrava no jogo dos interesses permanentes de Bordalo, com páginas su-

cessivas que contemplam também a ópera, e a Guarany do seu amigo Carlos Gomes — *O Besouro* voltou a violenta polémica pessoal com o Agostini, envolvendo-lhe o retrato de ferraduras...

Em fins de 1878, a redacção do jornal foi assaltada pelo populacho, decerto pago para o efeito e com a polícia a protegê-lo, e o próprio Bordalo sofreu dois atentados de capangas enviados por inimigos que tinham sido vítimas do seu humor. Isso o desgostou, inquietando a mulher e os amigos — e resolveu pôr termo ao jornal, depois de um notável desenho do «Carnaval carioca», com um casal de máscaras finas ameaçado por um energúmeno de cacete em punho. O fim d'*O Besouro* foi também o fim da estada fluminense de Bordalo, que em Março de 1879 resolveu regressar a Lisboa — com passagem obrigatória e jocosa *No Lazareto*, em que desenhou queixas da quarentena e recordações de balanço do episódio brasileiro da sua vida.

ACTO II

Rafael Bordalo regressou, portanto, a Portugal, ou seja, a Lisboa, e sobretudo ao Chiado, capital da cidade em que nascera e onde havia de morrer, um quarto de século mais tarde — ao Chiado, evidentemente. E mesmo de frente do local onde ouvira e defendera, com o seu lápis já privilegiadamente responsável, as «Conferências Democráticas» de 1871. Era o Chiado o centro cultural de Lisboa, seu lugar geométrico, entre o S. Carlos, a Havaneza, o Grémio Literário já no Palacete Loures, e outros locais de convívio, boa mesa e má língua política e literária, que tinham aberto após o fim romântico do Marrare. E também (o que era importantíssimo) a curta distância do S. Bento das Cortes e do Terreiro do Paço do governo, quando mais se andava a pé na cidade concentrada. E havia ainda por ali os teatros, o Trindade e o Ginásio, e o D. Maria no Rossio, e, só mais adiante, o Coliseu da Rua da Palma. De uns lados para outros, e para a litografia do seu trabalho, no Rossio ou ao Bairro Alto, andava

ÍNDICE

Acto I	3
Acto II	11
Acto III	37
Acto IV	59
<i>Da capo</i>	76
Ilustrações	88
Bibliografia	97